

Officina de Freitas Junior  
Rua José Paulino 12  
Capital

# A FLORESCENCIA

Orgam do Centro Litterario "Amadeu Amaral"

Redacção: Rua General Osorio, 121



Director: GOELHO DE ARAUJO

ANNO 1

S. PAULO, MAIO 1917

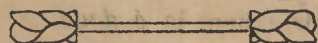
NUM. 11

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

|                         |        |
|-------------------------|--------|
| Anno . . . . .          | \$2000 |
| Semestre . . . . .      | \$1000 |
| Numero avulso . . . . . | \$200  |
| „ atrasado . . . . .    | \$300  |

## Relembrando...



Em tempos que ja vão longe, todas as tardes quando Phebo retirava de sobre a terra seus ultimos raios luminosos e eu entregava-me aos folguedos proprios da minha idade, como se fôra um casal de aligeras rolinhas que volita arrulhando ao pé de nós, por sobre a relva, eu via passar um enamorado parzinho estreitando-se n'uma satisfação sem conta e ia tão feliz e descuidado que nunca notou as chufas que lhe eram dirigidas.

Um dia parti e não mais soube noticias d'esse adoravel parzinho que as tardes vinha arrulhar ao pé de mim, enchendo o meu cerebro infantil de tantos sonhos, de tantas illusões!

Ha dias regressei e permaneci alli, extatico durante algumas horas, a meditar na minha infancia tão saudosa. Junto a mim não mais saltitavam os passarinhos!

Estava neste scísmar quando vi um velhinho que vinha arrastando-se, apoiado n'um bastão, trazendo um lenço aos olhos e em suas faces magras e descoradas duas grossas e crystalinas lagrimas.

Compadecido approximei-me perguntando-lhe a causa de sua tristeza, elle com a vôz entrecortada de soluços, respondeu:

— Ha vinte e tantos annos, quando inda era moço, esperançoso e idealista encontrei aqui uma menina e enamorei-me d'ella. Era tão megal vi-a sempre rodeada pela passarada que então abunda-

va nestas paragens. Amamo-nos e todas as tardes aqui faziamos o nosso idyllio. Assim passaram-se alguns annos... Um dia esperei-a, porem, não appareceu. Nessa expectativa passaram-se mais alguns dias, sem que tornasse a vel-a. Entretanto uma tarde, poucos minutos apóz minha chegada notei — oh! desilluzão — que seis moças vinham carregando um esquite acompanhado por centenas de creancinhas. Silencioso acompanhei-o até que, ao chegar ao cimo d'aquelle morro, lá, onde uma cruz como seus braços abertos parece convidar-nos a orar, pararam. Abriram o caixão. Era ella pallida e mais linda que a açucêna. Louco de dor, atirei-me sobre o seu corpo amortalhado em flores, e banhei-o com as minhas lagrimas. Arrancaram-me a força e sepultaram-na, pois, fôra a sua ultima vontade, ser enterrada onde todas as tardes iamos sonhar, com o nosso amor tão puro, tão casto. Desde então, as creanças, as rolinhas, os colibris não mais aqui vieram brincar. Só eu, fiel ao meu primeiro e unico amor, venho regar a sua sepultura com minhas lagrimas ardentes e trazer um bouquet de flores, unico allivio á dor que me dilacera a alma...

A. T. y Tomassini

## Dor Suprema

Foi um golpe cruél que desferiste, Roubando-me a ventura ambicionada... No momento em que rindo, tresloucada, Reveaste que ao meu amor mentiste!...

Agora, que esse bem ja não existe, Mimoso flôr, estrella da alvorada, Trilha esta vida, de alma lacerada, N'uma existencia negra, amarga e triste. Sinto que ardentemente no meu peito, Por teu amor perjuro, amor desfeito, Palpita o coração abandonado...

E, nos escombros do finado amor, Qual resequida petala de flor, Tenho na mente, o teu perfil amado.

Alfredo Teixeira Graça

S. Paulo

## Escravidão

Recordo-me ainda...

Eu era pequenina; contava apenas sete annos, estudava juntamente com meus maninhos, Raul e José, n'uma escola publica, quando um dia, a nossa mestra nos recommendou que estudassemos Historia Patria.

Quando foi á tarde, sahimos do collegio e fomos para casa.

Depois de alguns momentos, puzemos a preparar as lições, com o auxilio de nossa extremosa Mãe, que pachorrentamente, nos explicava os pontos todos, d'um modo tão nitido, tão bello, que facilmente os iamos retendo.

Fallou nos, da descoberta deste sagrado torrão, o nosso querido Brazil, do inesquecivel Cabral e heroico portuguez!

Lembrou nos de Colombo a data, explicou nos o patriotismo do immortal Traalentes, dizendo nos, que deviamos sempre amar e respeitar nossa Patria, por ter sido ella a nossa segunda Mãe, por ter sido ella o nosso berço, o lugar onde ensalamos os nossos primeiros passos, nesta bendita terra em que tivemos a suprema ventura de nascer, oh! sempre amado Brazil!

E affinl chegamos a fallar da escravidão, essa grande e negra nodoa que o Brazil possuia e que o enchia de pejos de horror!

Diziamos ella, toda cheia de orgulho e patriotismo: "A escravidão meus queridos filhinhos, foi jugo que sob o seu dominio, sob o seu negro manto, teve tantas victimas, pobres e infelizes!

Porem, hoje sob o grito da Liberdade e graças á princeza D. Izabel, visconde de Rio Branco, Enzebio de Queiroz e outros foi sancionada a lei aurea de 13 de Maio de 1888 que decretava a emancipação dos escravos, abolindo assim de uma vez para sempre a escravidão no Brazil, essa maldita instituição!

Depois terminou a lição com as seguintes palavras, radiantes de entusiasmo e que bem provavam o seu patriotismo: — "Felizes, hoje vivem todos, sem a oppressão esmagadora dos senhores.

E hoje, depois de tantos annos, recordo-me ainda saudosa, de tudo isso e apesar de reinar a Liberdade em nossa Patria, eu inda vivo escrava, ligando ao teu o meu coração!...

12-5-917

Beatriz N. Moreira

## Postal

A descrença é um verme que mata lentamente o homem, depois de ter extinguido de sua alma, todos os sentimentos que nella viviam.

GOELHO DE ARAUJO

(Redacção)

## Depois do Sceptro da Orgia...

Na minha juventude, em perennal gorgeio,  
Eu palmilhei do vicio o esplendido caminho...  
Em cada labio eu tinha o melico carinho  
E um throno extravagante erguido em cada seio.

Meu corpo de mulher, febril de goso e anceio,  
Amava loucamente o humano torvelinho,  
La em busca do extranho e delicioso vinho  
Alheio da virtude, a todo o bem alheio...

A existencia passei, como num paraiso,  
Conduzindo na bocca ironico sorriso  
Como si avassallasse, heroica, o mundo todo!

E, hoje, que resta emfim do meu imperio extincto?  
— O remorso cruel a lacerar-me eu sinto,  
Por tudo que esbanjei em podridão e lodo!...

Romeu Stamato

## Ashaverus!

Ao amigo J. H. C. de Araujo

Demais eu soffro; dóe-me a fronte, tenho febre,  
Sinto as forças fugindo—estou já tão exaustado;—  
Sou um Lazaro novo, ó que viver infausto  
Eu passo neste mundo—um funebre casebre.—

Não vejo um riso bom que minha taça quebre,  
Aonde eu bebo o fel em miseravel hausto;  
Nunca meu coração senti alegre e fausto,  
Embora em volta delle o riso se celebre.

Vou assim pela vida, abandonado, inerte,  
A morte procurando — extranho precipicio, —  
Onde mora a gangrena, a lama, o lodo e o verme.

Talvez, talvez, eu chegue a ser feliz então,  
Longe deste atoleiro onde gemina o vicio,  
Onde a Ventura é um crime e o bem uma traição!  
S. Paulo

José Jorge das Neves

## Questões do verbo “dar”

O illustre philologo Candido de Figueiredo, que é incontestavelmente um dos mais acerrimos defensores da pureza da nossa lingua, em um dos seus excellentes e substanciosos trabalhos escreveu estas bem ponderadas palavras:

“Todos os mestres erraram, erramos todos nós, e não de errar os que depois de nós vierem. E não nos desconsolamos com isso. Inda que nos faltassem mestres, não ficaríamos privados de legitimos recursos para discriminar da linguagem vernacula e bastarda, a enxertada, a exotica. A lingua vive no povo, e muitas vezes, na auzencia dos mestres, e até contra elles tenho registado fórmulas portuguesissimas, que achei vivissimas, correntes e adultas, entre os serranos da Estrella, do Algarve e do Alemtejo.

“Demos aos mestres o logar que lhes compete: autoridades quando elles são concordes e notoriamente escrupulosos”.

Entretanto, este modo de ver não é e nunca foi seguido pelos nossos philologos, quando deveria ser, porque nem todos os mestres deixaram de errar, nem todos os mestres foram escrupulosos em coisas de linguagem e, é claro, ninguém está isento de erro, pois *in multis offendimus omnes*.

Assim, dentre os numerosos erros que os nossos classicos commetteram, temos o verbo “dar” que, a meu ver, não foram poucos

os escriptores que caíram em enganos quanto á sua concordancia.

Frequentemente, topo estes disparates que nunca ouvi na linguagem popular: *deram* dez horas, *davam* ás cinco, etc., como si as *dez*, as *cinco* horas, fossem sujeitos do verbo “dar”, no entanto, estes pretensos sujeitos não passam de simples complementos objectivos.

O excellent professor Mario Barreto que é, sem duvida, um dos mais estudiosos e mesmo mais competentes em assumptos de linguaguem, acha que é um grande disparate levar-se o verbo ao plural naquellas orações e, tambem, ao seu lado, encontra-se o grande Moraes.

Vejamos, pois, o que é que diz o professor Mario Barreto no seu primeiro livro de estudos de portuguez: — “Guerra Junqueiro, o feroz matador de dom João; Guerra Junqueiro, “o grande poeta da peninsula” na phrase de Eça de Queirós, mette no meio dos alexandrinos perfeitissimos de seu poema, este que a grammatica não perdôa:

«*Deram* agora mesmo ás trez da madrugada.»

Pelo exposto, vê-se, claramente, que o douto professor não accieita semelhante concordancia e, diga-se logo, tal disparate um eximio conhecedor da lingua, Camões, não accieitaria, mormente o professor Mario Barreto, que é para mim um dos mais perfeitos conhecedores do nosso idioma.

Garret, o grande restaurador do theatro portuguez, escreveu:

“Meia hora ja é dada

Os gallos querem cantar  
Conde Claros em seu leito  
Não podia repousar.”

(Romanceiro - tomo II - (Apud. de Mario Barreto.”

Rebello da Silva, como observou Mario Barreto, foi “*uma excellente mão de escriptor*,” porém tinha o mau abito de *roer as unhas*, escreveu:

«*Deram* nove horas na Igreja de Loreto.» Ora, Rebello pensou talvez ou certamente que o sujeito de *deram*, eram *as nove horas* e, pensando assim, caiu nesse erro que “a grammatica não perdôa” na phrase do douto professor da Escola Militar.

O abalisado professor Carlos Góes, do Gymnasio Mineiro, acha que tanto é correcta uma fórmula como outra: — *davam* dez horas; *dava* dez horas; portanto, diz o excellent professor que são tipos syntaticos divergentes e, assim, estriba-se em Aulete; Domingos Vieira e Constancio, para sustentar tal dispauterio. Ora, tipos syntaticos divergentes, nunca pôde nem poderá ser, o que isso é, é um deploravel solecismo, embôra tenha tido a canella de bons escriptores; peio menos, a analyse repugna semelhante concordancia; emfim isso nunca ouvi na linguagem popular; porque “a lingua vive no povo” como disse o eminente C. de Figueiredo,

Portanto, correctamente, devemos escrever: — *Dava* dez horas; *deu* ás cinco, etc., e não: *davam*, *deram*, etc.; salvo, porem, si os re-

Quando elle dormia...

*Approximei-me, comprimindo o peito,  
De onde fascinador elle dormia.  
No seu sonho de ideal somente feito,  
Entreabria os seus labios e sorria...*

*Em dor o meu olhar todo desfeito,  
Não mais continha o pranto que cahia.  
Talvez estremeceesse o proprio leito,  
Si imaginasse acaso o que eu sentia...*

*Entrava a luz, dos vidros através...  
E era tão bello, no esplendor da aurora,  
Que eu me ajoelhei extatica a seus pés.*

*E lentamente sem que presentisse,  
Eu puz-me na attitude de quem ora  
Como si fosse o Christo que dormisse...*

Nathercia Vampré de Andrade

S. Paulo

Fatal Destino

A' memoria da distincta Srta.

Maria J. Lardeja de Azambuja

*Lá, lá n'um coração que foi vivente,  
Calice de saudade perennal,  
Vivia o palpitar leve e movente,  
Qual agua crystallina d'um canal.*

*Mas este palpitar, qual melodia  
Mais suave, qual orvalho matutino,  
Brisando a flôr que espera a luz do dia  
Era harmonioso sim, mas seu destino,*

*Um cyclone voraz em agonia,  
Que invade os corações frementes; era  
O sorriso ou poesia que morria,  
Desvanecendo o sonho de chimera.*

*Assim vira fugir de Maria a alma;  
Fugira sem saudade e sem clamor,  
Mas espalhando o olôr, a graça, a salma  
Para as glebas Celestes e do amor.*

Pedro V. Manca

S. Paulo, 917

Muito embora...

*Ainda me lembro, estavas fascinante,  
Naquella noite calma e esplendorosa.  
Como era doce, pura e delirante,  
Naquella noite, a' hora, lacrimosa...*

*A minha alma ao te ver, quasi estonteante  
Sentiu se delirar, viu se formosa,  
Meu coração sorrindo fulgurante,  
Julgara se uma aurora luminosa.*

*Esquecido da minha nullidade  
Cri-me quasi feliz, por te adorar,  
Do mundo desprezando a vil maldade,  
Não pensava que tinha de chorar.*

*Muito embora, mulher sem caridade,  
Esta vida infeliz, queiras malhar;  
Embora zombes, rias sem piedade,  
Com o desprezo teu, hei de te amar!*

Coelho de Araujo

logios a darem horas forem muitos, ao mesmo tempo, mas isto é impossível, pois sabemos perfeitamente que nem todos os relógios dão horas ao mesmo tempo, porisso o vulgo não o diz.

O que acho interessante é o professor Góes, dizer: "A opinião de Moraes, alem de ser isolada, tem contra si a circumstancia do relógio poder figurar na phrase como adjunto adverbial de logar, caso em que evidentemente não será sujeito, ex:

Deu cinco horas no relógio".

Ora, valha-nos Deus! onde querria o illustre professor que o relógio desse horas? Decididamente, o professor Góes não comprehendeu ou fez que não comprehendeu Moraes. Si quizessemos, pois, por o sujeito claro naquellas orações teriamos de escrever, como ensina o douto professor mineiro: o relógio ou o tempo deu horas no relógio. Deve-se escrever: *deu* ás cinco, *deu* ás nove, *dava* ás oito, *sobrentende-se*, o relógio, o tempo, etc... Esta é Verdadeira doutrina dos mestres.

Emfim, quem escrever o verbo *dar* no plural, pensando que o sujeito seja o objecto directo, commette, sem duvida, um erro imperdoavel.

S. Paulo - 916

Dirceu de Moraes

Transcripção

"A Comarca" de Caconde, deste Estado, honrou nos com a transcripção do trabalho "Amor e Devo" da nossa collaboradora Laurinda Maria. Gratos.

Passa tempo

N'uma dessas tardes invernosas, sentado no meu Figaro, esperava que se desoccupase um dos officiaes. Maldizia o tempo que, para mim, tão vagorosamente passava. Mas, quando senão quando, assoma a uma das portas a esfinge do meu amigo Neves. Palrador indisciplinado e alliadophilo incorregivel, atirou-me ás bochechas, vizando o Kaiser, uma dezena de máus qualificativos. Eu, pacato por principios, nem repliquei; porem, o nosso heróe, julgando talvez que ninguem lhe replicasse, continuou a sua explosão de blasphemias e improperios. Entretanto, um espectador, ao meu lado, germonophilo *enragê*, tomando o pião na unha, replicou-lhe. O nosso amigo, a despeito de não sei que, recitou então o soneto de sua lavra, intitulado "Maldição á Germania". (Nesse interim, senti-me para soffrer a raspagem dos meus bens de raiz, a minha rarissima barba.) Mas, não se deu por vencido o adversario do Neves, que, respondeu fervorosamente, com o "Odio á Albion", soneto publicado n'uma revista desta Capital. E continuaram a discussão; mas, felizmente, o Figaro deu por terminado o meu sacrificio. Pois, si não fôra isso, teria tido uma syncope, visto que, tanto mais rapida e brutalhada corria a navalha, quanto mais se alterava a polemica.

Eu, dando-me por feliz, atirei-me em demanda do restaurant, pois,

comillão de chapa, não me podia alimentar com pragas e maldições...  
David Bueno Machado

Arvore velha

Existe lá, á porta da casinha em que nasci, o esguio esqueleto de uma arvore antiga, plantada por meus avós, talvez.

Esta arvore, dizem os mais velhos, foi outrora o delicioso viveiro de quantos passaros hoviam por aquellas quietas e solitarias paragens... Incessantemente, ouviam-se entre as suas espessas ramagens, o festivo e melodioso trinar daquelles felizes cantores das florestas.

Hoje, porém, tudo mudou-se para ti, oh! miserima arvore!

Hoje vejo-te velha, nua, qual horrendo espectro, maldizendo do passado e servindo de estorvo áquelles que tão alegremente cruzam o ar, áquelles mesmos que um dia, felizes cantaram á tua sombra.

\* \* \*

Tu, ditosa juventude, não mais voltará!

Tens vinte annos ditosos, porque tão cedo me deixaste, levando em tua vertiginosa carreira as minhas mais queridas illusões, as minhas illusões de rapaz?

Serei eu, por ventura, semelhante áquella arvore?

Aquelle olhar tão d'alma e aquella voz sublime a fallarem-me sempre de amor, serão, meu Deus, porventura, como o cantico dos passaros?...

Aurino Aragão

## ISAURA

Minha Deusa querida,  
Vou fazer-te o perfil,  
Nestes versos cantando,  
Tua graça gentil;  
Os teus olhos tão puros,  
De tão bellos fulgores,  
Cantarei nesta lyra,  
Onde eu canto os amores.

Oh! que faces mimosas!  
Assim bellas não ha...  
Foi prodigo contigo,  
Foi prodigo Jehovah!  
Tens o porte gracioso  
E's divina a sorrir,  
São teus olhos quaes soes,  
A mostrar um porvir!

Teus ondosos cabellos,  
Da noite, têm a cor,  
Do poeta és a Deusa,  
Do mundo rara flôr;  
Quando vi o teu rosto,  
Que prazer eu sentil  
Soffrimentos na vida,  
Nunca mais padeci.

Em versos sonorosos,  
Tentarei, pois, cantar,  
Até quando, sem vida  
Ao chão frio baixâr;  
Os teus olhos tão puros,  
De t'os bellos fulgores,  
Cantarei n'esta lyra  
Onde eu canto os amores.

Rizieri Di Piero

S. Paulo, 12 de Maio de 1917

## Serenata Árabe

(Continuação)

D'aquella noite em diante Roberto e Malvina ligaram-se um a outro. Impossivel fôra separal-os, com propostas terrenas, tão forte era o amor de que o Facto implacavel em suas almas semeára o germen poderoso.

E n'uma noite, quando a lua pallida e macilenta sondava a immensidade das trevas monotonas e profundas, n'aquella horrivel taverna, entraram dois vultos a principio desconhecidos, seguidos por um outro que parecia querer ouvir todas as suas palavras e espreitalhes todos os movimentos.

Os primeiros eram o jovem apache e sua doce amada; e o segundo... quem o sabe?...

A taverna estava completamente vazia, e a lampada tremente derramava por todo o seu interior uma

luz fraca, vaporosa e doce como os crepusculos de amor. Roberto sentou-se junto ao piano e começou a tocar uma ária desconhecida, enquanto Malvina ternamente passava-lhe a delicada mão por entre os longos cabellos, ouvindo aquellas notas que somente a paixão poderia arrancar-lhe das entranhas da alma.

— Toca, toca, disse-lhe ella quando elle terminou a ária incógnita. Roberto folheou um album, ella escolheu.

— Esta, a serenata, disse ainda collocando a musica que escolhera, sobre o piano. Elle tocou. Eram as apaixonadas, as paradisiacas notas da "Serenata Árabe" que elle arrancava sentidamente das cordas d'aquella velho piano já cansado. E ella ouvia-o silenciosa e amorosamente.

Mas quando chegou n'aquella parte encantadora que parece arrastar as almas e os homens para as interminas regiões empyricas, ella, a "gigolette", a douda apaixonada, arrastada tambem por uma força desconhecida, tomou-lhe a bellissima cabeça entre as rosadas mãos e seus ardentes labios de rômã imprimiram um beijo, o ultimo, na bôcca semi-aberta do apache.

N'isto um vulto saltou de traz do piano e um argenteo punhal rasgou a penumbra dolente do mysterioso albergue, indo qual setta vibrada pela férrea mão do Destino atravessar aquelles dois seres, peito á peito, em meio ao ultimo e derradeiro beijo.

Roberto e Malvina cahiram redondamente por terra, na poça horrivel de seu proprio sangue e o vulto que vibrára trahicoeiramente o golpe, sorriu diabolicamente; descobriu-se todo e sua phisionomia feroz appareceu com todo o seu horror! Abriu depois o peito de Malvina e ainda banhado em sangue elle viu presa ao pescoço por uma fina corrente de ouro, unica joia que ella conservára em vida, uma medalha, uma reliquia talvez; ao vel-a o miseravel soltou ao espaço uma gargalhada louca, feroz, enlodada de sangue e de uma dor profunda.

Elle, o traidor fôra alcançado pela loucura horrenda, cujo espectro infame chega, lacera e sorrindo... passa...

Malvina, a jovem desditosa era sua propria filha!...

- FIM -

RAOUL POLILLO

## Centro Litterario

## "Amadeu Amaral"

Realizaram-se em 1-4-9-13 e 16 do corrente, respectivamente, reuniões do Centro supra.

Na 1.a foi nomeada uma comissão, para gerir os destinos do mesmo, composta dos srs: José Hosanna Coelho de Araujo, Alfredo Teixeira Graça e José Jorge das Neves.

Na 2.a foram aprovados os "Estatutos".

Na 3.a se procedeu a eleição da directoria, que ficou assim constituida: presidente, José Hosanna Coelho de Araujo; vice, Alfredo Teixeira Graça; 1.o e 2.o secretarios, Pedro Valerio Manca e David Bueno Machado; 1.o e 2.o thesoureiros, José Jorge das Neves e Agapio Vaz de Mello; 1.o e 2.o oradores, Albatenio Caiado de Godoy e Dirceu de Moraes, respectivamente; bibliothecario, Rizieri di Piero.

Na 4.a reunião para a posse da directoria, assumiu a presidencia o sr. Firmiano Pinto, que apóz vibrante discurso, convidou o presidente eleito a tomar posse do seu cargo. Este, leu um discurso, agradecendo a sua eleição; deu a palavra ao sr. Albatenio Caiado de Godoy para fallar em nome da directoria e deu posse aos demais membros eleitos, com excepção dos srs: Agapio Vaz de Mello que não compareceu e do sr. José Jorge das Neves que pediu demissão, demissão esta que foi aceita. Foi aclamado para 1.o thesoureiro o sr. Agapio Vaz de Mello. Foram, tambem, nomeadas comissões de prosa e verso, se compondo a primeira dos srs: Dirceu de Moraes, Arthur Toledo y Tomassini e David Bueno Machado, e a segunda dos srs: Alfredo Teixeira Graça, Albatenio Caiado de Godoy e Pedro Valerio Manca.

Na 5.a foram lidas duas communicações das srtas. Beatriz Nazareth Moreira e Nathercia Vampre de Andrade, nas quaes, se diziam solidarias ao Centro; como, tambem, foi aclamado 2.o thesouro o sr. Arthur Toledo y Tomassini.

A "A Florencia" passou a ser organo do Centro e tem sua redacção, provisoria, na Rua General Osorio, 121.